

A pena e o tinteiro

Hans Christian Andersen

Era no gabinete de um poeta. O tinteiro achava-se sobre a mesa, e alguém disse:

— É estranho quanta coisa pode sair de um tinteiro! Qual será a próxima obra? É na verdade estranho!

— Sim — disse o tinteiro. — É prodigioso! E é o que sempre digo.

Dirigindo-se à pena e aos outros objetos que estavam ali e podiam ouvi-lo, continuou:

— É quase inacreditável. Realmente, não sei qual será a futura obra que vai sair, quando o homem se põe a me sugar. Uma gota que tira de dentro de mim basta para encher meia página de papel, e quanta coisa pode estar contida nela! Sou na verdade uma coisa muito singular! É de mim que saem todas as obras do poeta, todos esses seres vivos que o leitor julga conhecer, os sentimentos ternos, o humor, as encantadoras descrições da natureza... Eu mesmo não o compreendo, porque não conheço a natureza; mas tudo isso está em mim! Foi de mim que saíram e continuam saindo aquelas multidões de moças, lindas e graciosas; de galhardos cavalheiros, montando soberbos cavalos; de cegos e aleijados;

e nem eu mesmo sei quanta coisa mais. Mas, palavra de honra! Faço tudo isso sem pensar.

— Nisso tens razão — disse a pena. — Tu não pensas absolutamente em nada; a não ser assim, saberias que apenas forneces o líquido; dás a matéria líquida, para que eu possa manifestar o que reside em mim, aquilo que escrevo. Sim! Quem escreve é a pena! Homem nenhum o põe em dúvida. E no entanto, a maioria dos homens tem tanta compreensão da poesia como um tinteiro velho.

— Ora, tu não tens muita experiência. Mal faz uma semana que estás servindo, e já te gastaste até a metade! Imaginas que és o poeta... Não passas de uma servente; antes que viesses já tive muitas outras da tua espécie, tanto da família dos patos, como de fabricação inglesa; conheço tanto a pena de tubo, como a de aço. Muitas já me auxiliaram, e ainda hei de me servir de muitas outras, quando vier o homem que faz os movimentos em meu lugar, e escreve o que sai do meu interior.

— Panela de tinta!

À tardinha voltou o poeta. Assistira a um concerto, ouvira um excelente violinista, e sentia-se arrebatado por aquela arte maravilhosa. O artista tirava do instrumento sons prodigiosos: ora fazia-o vibrar, como sonoras gotas d'água; ora como pérolas rolando; em um instante, era um coro de passarinhos gorjeando, em outro, o murmúrio do vento num pinheiral. O poeta tivera a impressão de ouvir o pranto do próprio coração, mas em melodias que pareciam ressoar em uma voz de mulher. Era como se vibrassem não só cordas do violino, mas também o cavalete, e as cravelhas, e o tampo. Fora um concerto extraordinário!

Era certamente difícil, tocar assim; mas parecia apenas um passatempo; era como se o arco dançasse pelas cordas, acima e abaixo. Diria até que qualquer pessoa poderia imitá-lo... O violino soara por si, o arco tocara sozinho; ambos, sozinhos, faziam tudo, e os ouvintes esqueciam o mestre que os conduzia, inspirando-lhes vida e alma.

Sim, quem ficava esquecido era o mestre; mas o poeta lembrou-se dele: pronunciou-lhe o nome e tomou nota de suas impressões.

— Que coisa ridícula, o violino e o arco a se vangloriarem de suas façanhas! E, contudo, nós, homens, quantas vezes o fazemos. O poeta, o artista, o inventor, o cientista, o general: todos o fazem! E, no entanto, somos apenas os instrumentos, tocados pela mão de Deus, Nosso Senhor. A Ele somente se deve toda a glória. Nós nada temos de que nos orgulhar.

Sim! Foi isso o que o poeta escreveu, em uma parábola, a que chamou “O Mestre e os Instrumentos”.

— Quem levou uma boa sova foste tu! — disse a pena, quando de novo se achou só com o tinteiro. — Não o ouviste ler em voz alta o que eu escrevi?

— Sim, ele leu aquilo que eu te dei para que escrevesse. Foi uma bofetada que levaste, pela tua arrogância. Nem sequer percebes quando és alvo de ironias... Dei-te uma bofetada, saída diretamente do meu interior: eu, ao menos, conheço a minha própria malícia.

— Pote de tinta!

— Vareta de escrever!

Cada um ficou com a certeza de ter respondido dignamente; e tal certeza é agradável. Tendo essa certeza, a gente pode dormir sossegada, e foi o que fizeram, pena e tinteiro.

O poeta, esse, não dormiu. Brotavam nele os pensamentos, como jorravam os sons do violino: rolavam como pérolas, uivavam como o vento da tempestade nas florestas; e ele sentia nesses pensamentos o próprio coração, e percebia que era um raio que vinha do eterno Mestre.